

LINDOLFO GOMES, UM ESCRITOR À ESPERA DE FORTUNA CRÍTICA

Maria de Lourdes Abreu de Oliveira¹

RESUMO

Importância dos arquivos para o resgate da memória. Recursos procurados pelo homem para salvaguardar o passado. Literatura da Zona da Mata Mineira: nomes de autores em destaque e nomes de autores esquecidos. Recuperação da figura de Lindolfo Gomes, escritor importante no início do século XX. Um autor em busca de fortuna crítica.

Palavras-chave: Arquivos. Memória. Lindolfo Gomes. Fortuna crítica.

ABSTRACT

The importance of archives in the recovery of memory. Resources sought y mankind to safeguard the past. The literature from the Zona da Mata of Minas Gerais: renowned and forgotten writers. Recovery of the figure of Lindolfo Gomes, an important writer of the beginning of the 20th century. An author awaitng for his critical fortune.

Keywords: Archives. Memory. Lindolfo Gomes. Critical fortune.

¹ Professora Titular de Literatura Brasileira do CES/JF; Escritora. lurabreu@terra.com.br

O resgate da memória é uma preocupação essencial das civilizações. Para se libertar da lei da morte, para defender-se contra a passagem do tempo, bafejando vitoriosos ventos mortíferos, a humanidade vem-se desdobrando em busca de recursos comprováveis em um sem número de exemplos, manifestos nas pegadas deixadas pelo homem ao longo de seu percurso pelo mundo. Na verdade, sempre foi uma preocupação humana salvar das garras devastadoras do tempo a imagem de pessoas significativas. Muitos caminhos foram buscados. Entre os mais antigos, destaca-se a figura de Tutancâmon, cuja máscara foi feita em ouro e está guardada no museu do Egito. Depois vieram os retratos pintados; os retratos fotografados, um clique no tempo; os retratos filmados, uma passagem no tempo, que nos permitem ver as pessoas como se estivessem presentes, sempre jovens, eternas.

Nesta busca no baú da memória, poder-se-ia citar tanto os faraós egípcios e suas pirâmides, quanto o Taj-Mahal indiano, uma ode de amor do imperador Shah Jahan a sua esposa Mumtaz Mahal ou o mais importante sítio arqueológico da China: as maravilhosas figuras de guerreiros e cavalos, que compunham o exército em terracota do mausoléu do imperador Qin Shi Huang, descobertas no final do século XX, em Xian. E não se pode esquecer dos manuscritos do Mar Morto, arquivos guardados como comprovação da palavra bíblica. Por acaso, em 1947, jarros cerâmicos, contendo os rolos, foram encontrados em uma caverna nos arredores de Qumram por um grupo de pastores de cabras. Constituem a versão mais antiga do texto bíblico, datando de mil anos mais antigos que o texto original da Bíblia Hebraica, usado pelos judeus atualmente. A análise dos textos encontrados abriu novas abordagens e questões para a exegese bíblica. Assim, esta preocupação em resgatar o passado não se constitui em um comportamento recente, inusitado ou estranho à espécie humana.

Com este objetivo, busco recuperar a figura de Lindolfo Gomes, intelectual que viveu no período entre 1875 e 1957. Não se trata de empreitada fácil. Vou tentar trazer para os leitores de hoje a imagem deste escritor, libertada de alfarrábios esquecidos e empoeirados em prateleiras de velhas bibliotecas, de textos escritos por ele, e sobre ele, para que ele seja reapresentado aos interessados pela cultura de Juiz de Fora, para a cultura brasileira.

Considerando-se os grandes intelectuais da região da Zona da Mata

Mineira, há, sem dúvida, nomes como os de Pedro Nava, Murilo Mendes ou Rubem Fonseca, que seriam estudados em qualquer grande centro de cultura. Mas se muitos autores, como esses ilustres conterrâneos, extrapolaram as fronteiras das regiões onde nasceram e foram divulgados no seu tempo pelo seu valor e pelos meios de propaganda vigentes, outros há que, por motivos vários, ficaram esquecidos em velhos baús e gavetas.

Debruço-me no tempo e olho. Lindolfo Gomes se esconde por denso nevoeiro, aquela cerração que costumava pairar em Juiz de Fora antes do avanço do asfalto e desta moderna selva de pedra. Os olhos avançam incertos. Tudo parece desfocado. Aos poucos, vem-se configurando esta personagem. Vem de longe, de outras paragens.

É manhã do dia 12 de março de 1875. Chove. Porque então o tempo não andava tão louco como hoje sói acontecer. Obedecia ao calendário. E todos sabemos que março é mês das águas. Lindolfo Eduardo Gomes nasce em Guaratinguetá, filho do médico Dr. Antônio Francisco Gomes e de dona Paulina Sofia Bacelar Gomes. Era de família nobre, como se dizia então, neto do Barão de Manducaba, grande latifundiário, proprietário de ampla faixa litorânea e algumas ilhas do estado do Rio de Janeiro.

Aos dois anos, perde a mãe prematuramente, sendo entregue aos cuidados de suas tias paternas, em Resende, Estado do Rio de Janeiro, onde iniciou os estudos no Liceu Resendense, já mostrando pendores literários, pois aos 14 anos funda o jornalzinho **O Astro**. Antes da conclusão do curso secundário, muda-se para Barra Mansa e daí para o Rio de Janeiro, ligando-se ao poeta Luiz Pistarini, de quem se torna grande amigo. Nesse convívio, encontra ambiente favorável a suas tendências jornalísticas, passando a colaborar em jornais.

Ingressa no funcionalismo público por concurso, trabalhando por pouco tempo na Estrada de Ferro Central do Brasil. Muda-se para Juiz de Fora em 1894. E, nesta cidade mineira, fixa residência por mais de cinquenta anos.

Nessa oportunidade, Juiz de Fora está em ascensão tanto no campo industrial, quanto no intelectual. Rui Barbosa cognominou-a *Manchester Mineira* e *Barcelona Mineira*. Houve quem a chamasse também de *Atenas Mineira*. Nesse ambiente propício, Lindolfo Gomes irradia suas atividades, atuando em diferentes campos de trabalho, seja no ambiente intelectual

como folclorista, seja no jornalístico, seja no educacional como inspetor de ensino em municípios vizinhos, seja no da criação literária.

Membro de diversas instituições, é um intelectual incansável. Entre outras, faz parte da Academia Carioca de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, do Instituto Histórico e Geográfico de Ouro Preto, é representante da Academia de Letras na Federação das Academias de Letras do Brasil, Presidente Honorário da Associação de Imprensa de Minas, de que é um dos fundadores, e, por último, porém a não menos importante, é membro fundador da Academia Mineira de Letras, criada em Juiz de Fora, realizando-se a sessão inaugural no dia 25 de dezembro de 1909, no salão nobre da Câmara Municipal.

Do texto de Lindolfo Gomes, tirado da **Revista da Academia Mineira de Letras**, sobre a fundação daquela casa, destaco algumas passagens, passagens que mostram o homem fora do jargão literário, na noite da inauguração, realizada no Teatro de Juiz de Fora, no dia 15 de maio de 1910, sessão em que o traje a rigor foi obrigatório, trazendo as vozes dos primeiros acadêmicos, na alegria e na insegurança daquela ocasião:

Demasiado extensas nos sairiam estas notas se quiséssemos narrar os episódios pitorescos que iam ocorrendo ante as dificuldades que se deparavam a muitos acadêmicos empenhados em obter a clássica e indefectível casaca, com que haviam de comparecer à sessão inaugural no Teatro Juiz de Fora. Deles poucos eram possuidores de casaca. Os outros tinham de cavar o aristocrático traje. Mas fosse como fosse, à noite todos estavam presentes magnificamente encasacados. E palavra que a solenidade decorreu num ambiente de fina elegância e aparato impressionante. Belmiro, num grande sorriso, disse-me ao ouvido: Até parece festa de gente rica... O Luís de Oliveira dizia que aquilo que mais o incomodava não eram as asas da 'rabona', mas aquele maldito cheirinho de benzina e certos desinfetantes hospitalares. Franklin declarava-se invejoso de José Rangel, porque – dizia – o diabinho nascera para vestir casaca. Eu, de mim, engafanhado na casaca do Altivo Halfeld não me sentia muito desabitado – pois o meu terno casaca eu o havia perdido havia pouco tempo, emprestando-o a um meu parente... (GOMES, 2009, P. 125)

E Lindolfo Gomes conclui: “Foi assim que se fundou e instalou a Academia Mineira de Letras, alguns anos depois transferida para Belo

Horizonte [...] Minas tem, pois, os mais altos motivos para orgulhar-se de sua Academia de Letras e Juiz de Fora o de haver-lhe servido de glorioso berço”.

Na configuração desta ilustre personalidade destaca-se também o caráter humanitário: em Cataguases, é um dos principais fundadores da Liga Operária e, em Juiz de Fora, o fundador da primeira *Associação de Proteção à Infância “Gota de Leite”*.

Sem dúvida, são muitos os papéis por ele desempenhados. Quando se fala em Lindolfo Gomes, logo se pensa no folclorista, que pode ser considerado um dos pioneiros do estudo do folclore em bases científicas no Brasil, tendo-se dedicado, sobretudo ao campo da literatura oral, tendo contribuído, na imprensa juiz-forana e carioca, com significativa análise crítica e análise comparada de textos de literatura oral enquadrados no seu significado folclórico. Muitos desses trabalhos foram, posteriormente, reunidos em livros, que na época alcançaram grande sucesso.

Segundo Wilson de Lima Bastos:

O grande realce deste trabalho é que não se preocupou o autor em focar simplesmente cada um de seus contos populares tradicionais e anedotas, mas de fazer um estudo de literatura comparada, em que se revelam a sua capacidade de filólogo consagrado e o seu grande entusiasmo pelos estudos folclóricos e pela literatura popular. (BASTOS:1975, p. 9)

Em seguida, destaca-se a figura do jornalista, que, em agosto de 1889, em Resende, como já o disse no começo deste texto, quando tinha 14 anos, já se iniciara em um jornalzinho, fundado por ele e cognominado: **O Astro**.

No período em que vive no Rio de Janeiro, para onde se transfere para o prosseguimento dos estudos, colabora em diversos jornais: **Gazeta de Notícias**, **O País**, **Crônica**, uma revista literária criada por Eugênio Pinto, além de atuar como redator-literário do semanário **Aurora**, fundado por Ercílio Machado.

Em suas andanças por Minas Gerais, está sempre ligado à imprensa, deixando entre outras colaborações o artigo de apresentação do número de estreia do **Palmirense**, periódico da velha Palmira, hoje Santos Dumont.

No final de 1894, chegando a Juiz de Fora, intensifica sua atividade

jornalística, participando não só da imprensa local como da do Rio de Janeiro, deixando vasta obra esparsa por jornais e revistas, composta por ensaios literários de variado sentido, obra que merece ser coligida e estudada por pesquisadores voltados para a memória literária brasileira.

Outro aspecto que se detecta no retrato que, aqui, busco trazer para os leitores, é o do competente filólogo. Membro da **Academia Brasileira de Filologia**, passa os últimos anos de vida no Rio de Janeiro, onde fixa residência, publicando na imprensa carioca, diariamente, algum comentário filológico de alto gabarito. Nessa oportunidade, destaca-se o ensaio crítico: “Vocabulário de Machado de Assis”, monografia publicada em **Machado de Assis**, edição da Federação das Academias de Letras do Brasil.

Entre esses papéis desempenhados, não se pode esquecer daquele de educador. Exerce o magistério, tendo sido diretor de grupos escolares, inspetor de ensino, fiscal efetivo de escolas normais, lente de Português da *Escola Normal Oficial de Juiz de Fora*, cargo em que se aposentou em 1931. Docente por vocação, foi, segundo Wilson de Lima Bastos (1975, p. 14), muito bem definido por Mário Casassanta, em artigo publicado na Folha de Minas, de Belo Horizonte, em 31 de agosto de 1943:

Falando ou escrevendo na cátedra ou na rua, no jornal ou no livro, em prosa ou em verso, fazendo literatura ou compondo livros didáticos ele tem sido sempre um educador, o que quer dizer um homem que quer realizar, com o seu sacrifício, o belo ideal de Platão: dar ao corpo e ao espírito humano toda a beleza e perfeição de que sejam capazes.

Para a conclusão deste retrato, deixo o papel desempenhado pelo ficcionista. Na narrativa curta publica, entre outros trabalhos esparsos, os livros de contos: **Iriantes**, pela Cia. Tipográfica do Brasil: Rio de Janeiro, 1933; a novela **Vida Galante**, pela Tipografia Matoso, de Juiz de Fora, em 1896. São de sua autoria dois romances: **Mortalhas**, editado pela Tipografia Batista de Cataguases e **Maria da Graça**, publicado em rodapé do jornal **O Pharol**. Um de seus contos foi incluído em uma antologia de **Contos e anedotas brasileiras**, publicada em uma revista da América do Norte para o ensino de Português naquele país e adotada oficialmente em colégios e universidades. Como cronista, é considerado pelos leitores da época

insuperável, considerando-se a linguagem escorreita e o admirável senso de humor.

Escreve peças teatrais, encenadas muitas delas por artistas de grande destaque, peças que marcaram época em Juiz de Fora, e que foram repetidas diversas vezes e muito bem recebidas pelo público, não só pelos frequentadores de teatro, numa época em que essa era uma das prioridades no campo das artes, mas também pelos comentaristas e órgãos de divulgação.

Todavia, a sua bibliografia é mais rica no domínio da poesia. Entre outras publicações, destaca-se a obra **45 Sonetos**, editada pela Tipografia Zapa, em 1934. Trata-se de um conjunto de quarenta e cinco sonetos de sua autoria e de 21 de autoria de D. Francisco Rodrigues Marin, traduzidos por ele do espanhol. De BASTOS (1975, p. 12), transcrevo o seguinte texto de Joaquim Ribeiro sobre o escritor de **Motivos**, uma coletânea de poemas:

Lindolfo Gomes é poeta de transição. A sua estética é uma metamorfose constante e contínua. Há nela o ritual parnasiano na forma e o sopro de um subjetivismo psicológico bem característico no fundo. Ainda nesse feitio é o soneto sobre a língua portuguesa onde a técnica e a beleza o recomendam para as antologias. A idolatria pela forma em Lindolfo Gomes não prejudica nunca a espontaneidade do estro. *Cruel desejo* é uma poesia que flui com uma naturalidade maravilhosa. É um dos mais preciosos sonetos do poeta de **Motivos**. É como poeta que Lindolfo Gomes sobressai na literatura de ficção.

Em 25 de setembro de 1950, Lindolfo Gomes recebe o título de cidadão honorário. Três anos depois, falece no Rio de Janeiro, no dia 15 de maio de 1953, com a idade de setenta e oito anos.

Seu corpo é trasladado para Juiz de Fora, é exposto à visitação pública no salão nobre da Câmara Municipal, como homenagem dos Poderes Executivo e Legislativo do Município, de onde, com grande acompanhamento, é levado ao Cemitério Municipal, onde é sepultado às 15 horas do dia 16 de maio.

E aí está diante de nós configurado o intelectual de várias faces. Muito ainda se tem a pesquisar sobre as suas andanças por este mundo, que, como um verdadeiro peregrino, ele percorreu de olhos e ouvidos agudos, atentos ao que ocorria em torno. Existe, hoje, uma tendência dominante nos meios acadêmicos mineiros, voltada para o resgate de escritores de ontem e de

hoje, muitos deles fora do enfoque da mídia que tanto alça novos valores ao pódio, quanto condena ao ostracismo nomes de inquestionável valor. Lindolfo Gomes é um nome importante da literatura brasileira. Merece estudo aprofundado. A sua bibliografia completa ainda não foi levantada.

Segundo Wilson de Lima Bastos:

Uma apuração inicial, realizada em 1953, acusou 6 volumes de contos e romances, 13 peças teatrais, 10 obras didáticas, 5 volumes sobre tradições e folclore, duas dezenas de estudos de filologia, erudição e história e oito livros diversos, sem contar a vasta colaboração em jornais e revistas. (1975, p. 8)

Por conseguinte, uma pesquisa acurada de sua produção literária está à espera de ser organizada em arquivo, de ter uma fortuna crítica .

O Programa de Mestrado em Letras do CES/JF tem uma linha de pesquisa voltada para o resgate da memória literária de Minas Gerais. Assim, passo para as mãos desses mestrandos e mestrandas a responsabilidade de prosseguir nesse empreendimento de resgate da memória de Lindolfo Eduardo Gomes. Juiz de Fora, que o recebeu como cidadão honorário em reconhecimento de seu trabalho dedicado à cultura, precisa recolocá-lo em lugar de honra no pódio de onde ele nunca poderia ter descido.

Artigo recebido em: 02/05/2011
Aceito para publicação: 02/10/2011

REFERÊNCIAS

BASTOS, Wilson de Lima. **Lindolfo Gomes**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Departamento d Assuntos Culturais, 1975

GOMES, Lindolfo. Como se fundou a Academia Mineira de Letras. In: **Revista da Academia Mineira de Letras**, ano 85^o, v. LI, Belo Horizonte, abr./ maio/ jun., 2009, p. 121-130.